

“JOGANDO MEU CORPO NO MUNDO, ANDANDO POR TODOS OS CANTOS”: MALUCOS DE ESTRADA ENTRE UNIFICAÇÃO E DISPERSÃO

Gabriela Barboza

Doutora em Estudos da Linguagem (UFRGS)
Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA)
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

RESUMO: Objetiva-se, com este trabalho, propor um olhar para os discursos produzidos sobre/por os malucos de estrada, movimento de artesãos nômades também conhecidos como “hippies”. Para responder à pergunta: qual é o fio condutor da dispersão desses sujeitos que se colocam/são colocados à margem da cultura hegemônica?, o artigo está organizado em tópicos que pretendem demonstrar os principais pontos de convergência do grupo – o corpo em trânsito, metonimizado pela estrada, e a língua, representada pela disputa entre a designação de si e a designação pelo outro. Com *corpus* de materialidades diversas, as análises empreendidas estão ancoradas e inspiradas por estudos de Rolnik (2014), Le Breton (2000, 2012), Gros (2009) e Benveniste (1995), e procuram apontar respostas possíveis para a necessidade de unificação desses corpos e sujeitos em dispersão.

PALAVRAS-CHAVE: Malucos de estrada. Corpo. Língua.

ABSTRACT: This work proposes a glance at the speeches produced about / by the “road freaks”, a Brazilian movement of nomadic artisans, also known as “hippies”. In order to answer the question “what is the guiding thread for the dispersion of these subjects who place themselves / are placed on the margins of the hegemonic culture?”, the article is organized into topics that aim to demonstrate the main points of convergence of the group – the body in transit, metonymized by the road, and the language, represented by the dispute between the designation of oneself and the designation that is made by the other. With a corpus of diverse materialities, the analyses undertaken are anchored and inspired by studies carried out by Rolnik (2014), Le Breton (2000, 2012), Gros (2009) and Benveniste (1995), and seek to point out possible answers to the need for unification of these bodies and subjects in dispersion.

KEYWORDS: Road freaks. Body. Language.

Recebido em: 03/08/2020

Aceito em: 05/08/2020

Callando nos moríamos, sin palabra no existíamos. Luchamos para hablar contra el olvido, contra la muerte, por la memoria y por la vida. Luchamos por el miedo a morir la muerte del olvido... es necesario hacer un mundo nuevo. Un mundo donde quepan muchos mundos, donde quepan todos los mundos...

Subcomandante Marcos, EZLN

Um dos grandes paradoxos da contemporaneidade transita pela tensão entre a valorização da individualidade, da autonomia e da emancipação, ao mesmo tempo em que se proliferam formas de massificação dos corpos, saberes e sujeitos. As tentativas de padronização estão presentes até mesmo nos enunciados de “seja você mesmo”, “crie seu estilo próprio”, “você tem seu estilo”, que, contraditoriamente, podem ser comprados por diversos preços nas mais diferentes prateleiras. Trata-se de uma individualidade modelada, seriada, massificada, fabricada e consumida.

Apesar da padronização das individualidades, os homens também criam, cada um a seu modo, possibilidades de fuga e reinvenção de modos outros de diferenciação entre si mesmo e o outro. O homem não é simplesmente um terminal no sentido de receber tudo passivamente: ele recebe modelos padronizados de sociabilidade, subjetividade, de ser e estar no mundo, mas também os reinventa e vive a tensão entre a circulação de processos modelares e possibilidades de diferenciação. Os modos pelos quais os homens tensionam suas relações com o mundo engendram diferentes processos de singularização (GUATTARI, ROLNIK, 2010) pelo corpo e pela língua.

Dentre as infinitas possibilidades de tensionamento entre a massificação imposta pelo projeto de sociedade dominante e a potência de vida do homem, uma em específico merece destaque: a dos malucos de estrada¹, que nos dizem e nos mostram, com seus discursos e corpos, que há outros modos de ser e de estar no mundo. De alguma maneira, seus modos de vida trazem à tona a tensão entre os elementos hegemônicos e as possibilidades de (re)invenção de si mesmo.

Ainda que queiram se distanciar do termo *hippie*, palavra pela qual são popularmente conhecidos, a formação do grupo dos malucos de estrada é herdeira do movimento *beat* e *hippie*, originários dos EUA, mas, no Brasil, adquiriu novas influências, encontros e desencontros, miscigenando-se com outras culturas. Em seus modos de vida e práticas cotidianas, empreendem uma constante reinvenção de si, pois andam às avessas do que se entende por modo de vida padrão. Buscam reinventar modos de existência, de estar com o outro, de compreender a natureza e a função do trabalho, de vestir, de morar, de transitar pelo espaço social ou ocupar o espaço público, de produzir e compartilhar conhecimento, de se organizar

¹ Neste trabalho, “malucos”, “malucos de estrada” e “malucos de BR” devem ser vistos como sinônimos, de modo que pode haver oscilação no uso dos três termos para referir-se aos mesmos sujeitos: os artesãos nômades.

socialmente etc. Dito de outro modo, os malucos praticam modos de vida de forma a deixar bastante visível a tentativa de ruptura com os elementos-padrão da sociedade.

Os malucos de estrada caracterizam-se, em síntese, por produzir artesanato² como forma de subsistência e de expressão artística, expor seu trabalho em expositores móveis de pano para a comercialização em locais públicos, quase sempre praças ou feiras nas cidades. Outra característica que lhes é própria é o nomadismo: viajam constantemente pelo Brasil e outros países. Há quem diga, dentre os malucos, que a venda do artesanato é o que garante a viagem, o deslocamento, de maneira que o nomadismo se torna característica anterior à própria produção do artesanato ou que o artesanato é condição para a manutenção de seu modo de vida nômade.

Os malucos de estrada não estão localizados geograficamente em apenas um lugar, não compartilham uma língua específica diferente da língua do Estado, não têm laços consanguíneos estabelecidos; em resumo, não são exatamente aquilo que se costumaria chamar de “grupo social” ou “comunidade”. Entretanto, em virtude de inúmeros conflitos entre Estado (através de seus aparelhos e agentes de repressão) e malucos que colocavam em risco sua sobrevivência, estes decidiram organizar-se, a seu modo, como grupo para que pudessem ter o direito à existência garantido. Dessa organização, surgiu o coletivo *Beleza da margem*³, cujo objetivo inicial era o de denunciar, através de ações midiativistas e legais, a insatisfação dos malucos de estrada em relação às violências constantemente dirigidas a eles nas ruas das mais diferentes cidades do Brasil, impedindo-lhes de trabalhar.

Fruto da insatisfação, o coletivo organizou-se e chegou à conclusão de que, para que fossem garantidos seus direitos de expor seus trabalhos na rua – sem que lhes fosse solicitada uma carteirinha de artesão ou o pagamento de impostos sobre seus produtos (enquadramentos próprios ao modo de vida dominante) – seria necessário que o direito à rua e ao seu modo de vida fosse legalmente reconhecido. Nesse sentido, o grupo construiu linhas de ação cuja culminância deveria ser seu reconhecimento, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (doravante IPHAN), como patrimônio cultural imaterial da humanidade. Para isso, publicaram vídeos denunciando a violência policial em relação a eles, documentário sobre o grupo, organizaram um encontro de malucos, na capital federal, chamado de *Encontro das BR*,

² Há malucos que, além do artesanato, apresentam outros tipos de arte, como malabarismo e outras técnicas circenses, esquetes teatrais, músicas.

³ O coletivo é constituído por malucos e estudantes interessados na temática. Para mais informações a respeito do grupo, acessar <http://belezadamargem.com/>.

para alinharem seus discursos previamente à assembleia pública com o IPHAN, o hoje extinto Ministério da Cultura e a Secretaria de Direitos Humanos.

O IPHAN, no contexto brasileiro, surge para dar conta da demanda de reconhecimento de diversas práticas, lugares e saberes como patrimônios históricos nacionais⁴. Ao preservar seus fazeres e saberes, por metonímia, preservam-se também os povos detentores de tal conhecimento. Diante da possibilidade de preservação dos povos, inúmeros grupos passaram a requerer reconhecimento como patrimônio. Foi esse tipo de movimento organizado por diferentes movimentos étnicos e sociais que transformou, a título de exemplo, as festas ciganas e seus saberes como patrimônio imaterial brasileiro, o que possibilitou a criação de políticas públicas para esses povos⁵.

Oriundos de diferentes lugares do mundo, com influências diversas, como a cultura rastafári, anarco-punk, carcerária, indígena, afrodescendente, além da evidente influência da cultura hippie estadunidense (STRAPPAZON, 2017), os malucos de estrada formam um grupo bastante diverso e disperso, não-coincidente, mas que, mesmo assim, vislumbrou na auto-organização uma possibilidade de garantia de direitos.

Diante dessa dispersão e diversidade de sujeitos e realidades, destaco dois dos elementos que os unem como grupo: a negação da heterodeterminação, que se dá pela língua e pelo corpo⁶. A língua os une não no sentido de que falem todos uma mesma língua – tendo em vista que são um grupo que transcende as fronteiras geograficamente impostas –, mas no sentido de que há 1) palavras que são próprias ao grupo, 2) tensionamento e disputa entre o modo como se dizem e o modo como são ditos. O corpo, aqui, deve ser entendido como um corpo em trânsito, um corpo que se desloca pelas estradas sem ter como objetivo um ponto de chegada, que vê o deslocar-se como o objetivo em si, um corpo que encontra síntese na estrada, na BR.

⁴ Como o reconhecimento de tais práticas, lugares e saberes se dá, de modo geral, pela oralidade e, após isso, é passado para a escrita, não seria exagero propor que a língua fosse vista como patrimônio pelo IPHAN, o que atualmente ainda não ocorre. Há, de fato, o reconhecimento de diversos falares, na medida em que eles contribuem para a construção de determinado saber/fazer, mas a língua ainda não é tratada como elemento cultural fundamental para a construção da identidade dos povos que requerem salvaguarda do IPHAN.

⁵ Atendimento no sistema básico de saúde sem necessidade de comprovação de residência fixa, bem como aceitação de matrícula de crianças e adolescentes nas escolas por onde o grupo passa etc.

⁶ A separação entre língua e corpo que se faz aqui meramente metodológica: a língua está no corpo, o corpo está na língua(gem). “Ambos [corpo e língua] se inserem numa relação estruturalmente próxima perante o mundo. Indissociáveis durante a interação, eles formam dois sistemas que concorrem simultaneamente para a transmissão de sentido. Todo discurso mobiliza corpo e linguagem de forma mutuamente necessária, implicando um vínculo poderosos entre as ocorrências dos dois.” (LE BRETON, 2009, p. 43).

É principalmente sobre esses elementos unificadores – língua e corpo – dos malucos de estrada como grupo que me debruçarei nas seções seguintes. Pretendo observar como esse grupo tão disperso se unifica na e pela língua e no e pelo corpo.

É importante destacar que, embora este estudo esteja inicialmente assentado no bojo dos estudos linguísticos, as reflexões nele presentes e dele decorrentes dialogam e são fortemente atravessadas por saberes outros, de modo que podem e devem ser entendidas como fruto do nomadismo teórico, da mestiçagem de conceitos (GRUZINSKI, 2001), parafraseando Moita Lopes (2006), como uma linguística indisciplinar. O *corpus* de que me valerei para a discussão aqui proposta é, assim como as técnicas de produção artesanal dos malucos, uma bricolagem de diferentes materialidades, como entrevistas (orais e escritas), documentário, *teaser*, além de algumas experiências de campo. A leitura que proponho para as sequências discursivas⁷ (doravante SD) apresentadas neste artigo não deve ser tomada como uma análise em *stricto sensu*, no sentido de dissecar os termos para ver de que são feitos, mas, antes, de ouvir o que os malucos têm a dizer sobre si e sobre seus elementos, para propor um esboço de interpretação.

ESTAMOS VIVOS PORQUE ESTAMOS EN MOVIMIENTO: A UNIÃO DA DISPERSÃO PELO CORPO/ESTRADA

Quant à moi, je voyage non pour aller quelque part, mais pour marcher. Je voyage pour le plaisir de voyager. L'important est de bouger, d'éprouver de plus près les nécessités et les embarras de la vie, de quitter le nid douillet de la civilisation.

Robert Louis Stevenson

Quem tem a força de saber que existe e, no centro da própria engrenagem, inventa a
contra mola que resiste.
Secos & Molhados

De diversas formas, há, no modo de vida adotado pelos malucos de estrada, a expressão de questionamentos dos valores estabelecidos pelo sistema vigente e a criação de olhares sobre o mundo sempre mutantes, que estão em circulação, não fixados necessariamente a territórios, instituições e normas sociais predominantes. A relação com esses valores é estabelecida também por meio da negação. Alguns relatos – expressos em entrevistas com os malucos e vídeos do coletivo *Beleza da Margem* – apontam que, grosso modo, o maluco é o sujeito que

⁷ Chamo de sequência discursiva as sequências retiradas de discursos maiores a respeito do universo dos malucos de estrada, compostas de textos, textos e imagens. A gestualidade, apesar de importante, não será discutida neste trabalho. Aspectos não-linguísticos como imagens estáticas, desenhos poderão ser mencionados e interpretados.

pode se caracterizar por guardar certa insatisfação e um desencanto em relação ao modo como a sociedade está estruturada, na maioria das vezes, não aceitar o trabalho formal, em que se devem cumprir 8 horas por dia, de algum modo apresentar descompasso entre o sistema de educação formal – seja a escola, seja a universidade – o que o leva a não desejar tais práticas de vida para si.

Na esteira dessa reflexão, Rolnik (2014) olha para o universo hippie⁸ e observa que, cansados do inócuo das formas estabelecidas de relação com o outro e de vida, resolvem abandonar tudo – entendido aqui como o modo de vida adequado aos padrões – e partir para a estrada em busca de outros modos de existência. Na cartografia da autora, as expressões de afastamento vão mais longe e, por vezes, ganham outros relevos como a procura pela instituição de outras formas de vida e pela negação de diversas simbologias da sociedade industrial, como as facilidades da vida urbana, a utilização de química nos alimentos etc.

Outra forma de contestação e criação de novos modos de vida se refere à temporalidade. O olhar de Rolnik nos revela que, para os hippies, em contraposição à falta de tempo (ou os problemas de sua gestão) pela qual passamos atualmente, “até seu ritmo é outro: adotam, por princípio, a lentidão. Fruem o prazer de cada gesto e recusam-se a acatar o tempo frenético e homogeneizador da rentabilidade dominante” (2014, p. 141).

Nesse sentido, o ponto de vista de Rolnik a respeito dos hippies vai ao encontro das reflexões apresentadas por Le Breton sobre os caminhantes, o caminhar e a estrada (2000, 2012). Para o antropólogo, o homem urbano contemporâneo está perdendo, paulatinamente e em decorrência do modo de vida adotado, o hábito de caminhar. De acordo com sua compreensão, o ato de caminhar, atualmente, poderia ser considerado uma forma de nostalgia ou de resistência.

O ato de caminhar é uma abertura ao mundo. Andar a pé é muitas vezes uma alternativa para reencontrar-se. Caminhantes são pessoas singulares que decidem deixar seus carros por horas ou dias ou para sempre para se aventurar à nudez do mundo. A caminhada parece um anacronismo em um mundo onde reina o homem apressado. Prazer dos tempos, lugares, a caminhada é uma fuga, uma afronta à modernidade. É um modo de atravessar o ritmo frenético de nossas vidas, um modo próprio de distanciar-se. (LE BRETON, 2000, p. 14-15.)

⁸ Valho-me da terminologia hippie porque este é o termo empregado pela autora.

Desde o ponto de vista dos malucos de estrada, o ato de viajar também pode ser compreendido, para além de uma abertura ao mundo, como um exercício de abertura do corpo a diferentes experiências e intensidades, reconhecendo suas potências e perigos, como nos mostra a SD1⁹. Ainda, a estrada coloca em jogo a relação entre os limites do corpo e um pretense corpo sem limites. Ao optar pela libertação das amarras, os malucos opõem, a seu modo, o sistema – com encarceramento de corpos e ideias – a vida livre – com liberdade de corpos, ideias, enfim, do homem. Ao fazê-lo abdicam da ilusão do controle do que virá, aceitando uma abertura ao desconhecido, como uma radicalização do entendimento de liberdade do ser, que ocorre pela variação dos encontros, dos lugares, dos atravessamentos, sem que se saiba ou se determine de antemão quais são os elementos que conjugam estas variações.

SD1

O interessante da BR é que cada dia você está numa situação diferente. Então você vai se conhecendo cada vez mais, conhecendo seus limites, você vai começando a ter que se superar onde você não tinha mais. Você vai deixando ela te guiar. Então é um processo psicológico que vai muito além do que se você está ali no comodismo. (Documentário¹⁰, 2015, 39’).

A estrada, como síntese entre viagem e viajante, ganha vida, é vista, pelos *malucos*, como *lugar* de transcendência do ser, no sentido de que, através de seu percurso, é possível encontrar respostas a indagações pessoais. Ela também é personificada como alguém que pode mostrar saberes que não se aprendem nos bancos escolares, como um lugar de aprendizagens. A estrada, para o maluco, parece guardar uma relação com o mágico, de onde podem surgir revelações e ensinamentos. “A estrada é uma universidade porque é universalidade, ela não se satisfaz com difundir um sabor, mas também uma filosofia de existência adequada própria a sempre trazer de volta a humildade e a soberania do caminho.” (LE BRETON, 2012, p.32).

SD2

⁹ Devido ao fato de que as SD são materiais de diferentes gêneros e suportes, estabeleci uma convenção de indicação das sequências: ao final de cada uma, estarão referenciados o gênero a que pertence a SD destacada, o ano em que o texto foi produzido, além de uma nota de rodapé indicando a fonte da SD, sempre que ela for pública e recuperável. Quando a SD for uma imagem ou fotograma, sua formatação seguirá o estabelecido pelas normas do periódico.

¹⁰ Documentário Malucxs de Estrada II: a cultura de BR. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=E2xYfyEANMw&t=4858s>.

A mudança foi justamente acontecendo na estrada, cara, porque a estrada que é a escola. Não é que você foi para a estrada porque tinha uma filosofia, não é, não. A estrada é que vai te mostrar a filosofia. (Documentário¹¹, 2015, 37’)

SD3

A estrada é luz, compadre, a estrada é mãe, né. Ela tem grandes oportunidades porque é uma gama de experiências muito variada, acontece coisa o tempo todo, cê tá 24 horas exposto. Aí você pode aprender muito ou você pode não aprender nada. (Documentário¹², 2015, 40’)

SD4

Viver na BR é um ato de fé, porque você tem que botar uma fé no que tá acontecendo, no jeito que você tá sendo guiado, é muito louco, cara. (Documentário¹³, 2015, 39’).

Gros entende que a história do caminhar é a história da humanidade. O filósofo avalia que a caminhada “restaura a dimensão física da relação com o meio ambiente e relembra ao indivíduo a sensação de sua própria existência” (GROS, 2009, p.167)¹⁴. Reconhecer-se como em conexão com a terra, com a história, como parte importante do todo do universo também é um dos motivos que move os malucos a estar em *marcha* constante. Uma vez que não se sentem valorizados, apontam a relevância de seus saberes e andares, reconectando-se à sua ancestralidade, seja pelo nomadismo, seja pela coleta de materiais da natureza, seja pelas histórias orais que narram por onde passam, seja pelas histórias contadas pelo pano onde estão seus trampos. Os *malucos* parecem encarnar alguns elementos sobre a caminhada elencados por Le Breton.

O importante na caminhada não é o seu ponto de chegada, mas o que está em jogo nela o tempo todo, sentimentos, encontros, interioridade, disponibilidade, o prazer de caminhar ... de existir, pura e simplesmente, e senti-lo. Caminhar está muito mais distante dos imperativos contemporâneos que devem beneficiar toda a atividade, ser rentável. A caminhada é inútil, como o são todas as atividades essenciais. (LE BRETON, 2012, p. 31).¹⁵

SD5

¹¹ Documentário Malucxs de Estrada II: a cultura de BR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E2xYfyEANMw&t=4858s>.

¹² Documentário Malucxs de Estrada II: a cultura de BR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E2xYfyEANMw&t=4858s>.

¹³ Documentário Malucxs de Estrada II: a cultura de BR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E2xYfyEANMw&t=4858s>.

¹⁴ Tradução livre.

¹⁵ Tradução livre.

Maluco é nômade, de estrada, queremos ser reconhecidos, queremos viajar e vender nosso trampo sem ninguém importunar. Nós somos a história. (Diário de campo, 2015).

SD6

Nós somos um brilho, um olhar da humanidade. A gente cria a história com os pés, depois nós somos sacudidos dela. (Diário de campo, 2015).

SD7

Temos história bonita pra contar, pra quem nunca saiu da sua cidade, temos uma ancestralidade do caminhar, nós fomos os desbravadores das cachoeiras e dos picos que vocês conhecem agora. O que a gente leva pra rua é uma exposição de arte que conta a história da nossa viagem: uma semente do Pará, um dente de animal morto de Minas, uma pena encontrada em São Paulo. Maluco vende história, vende ideia. (Diário de campo, 2015).

Além disso, há, entre os malucos, o entendimento de que, ao passar pelas cidades e expor seus artesanatos, eles cumprem também uma função de difusores da cultura a lugares remotos, arautos das boas novas, tal qual Melquíades na Macondo de García Márquez. A produção artesanal é, de certo modo, uma síntese de seu corpo em trânsito, o que ocorre através de ensinamentos e aprendizagens, seja na estrada, seja nos lugares em que para, seja com as pessoas com quem interage. O maluco se encharca das mais diversas culturas por onde passa, conta suas histórias de viagens e, ao fazê-lo, revive-as, escuta novas histórias, conhece outras pessoas, segue sua caminhada. O caminhar se torna, assim, além de uma forma de liberdade ligada à escolha de como (re)xistir, um universo de reciprocidade.

ENTRE MALUCO E HIPPIE: DESIGNAÇÕES EM DISPUTA

O que cabe à Linguística na compreensão do grande problema do homem?
Claude Hagège

Para que algo exista, é preciso que tenha um nome; não há nada no mundo que não possa ser nomeado: se existe, tem nome; tem nome porque existe. Essa relação tautológica entre existir e ter nome está inseparavelmente constituída, de modo que, muitas vezes, mesmo que não conheça um ornitorrinco, por exemplo, sei que ele existe, pois está na língua. Ainda que nunca tenha visto uma foto ou um desenho desse animal, sou capaz de lhe dar forma em meu pensamento.

A questão entre nomeação para existência parece-me ser crucial para os malucos de estrada. Há, de um lado, uma espécie de negação da designação que o outro lhe atribui: não se reconhecem como hippies, nomeação que a sociedade que não conhece a realidade desses artesãos nômades lhes atribui. Os *malucos* entendem que, ainda que tenham traços da cultura hippie estadunidense, há um jeito diferente de “ser hippie”, com o qual eles se identificam, cuja designação não dá conta dos sentidos e dos sujeitos que a palavra tenta englobar. De outro lado, há certo consenso sobre o modo pelo qual gostariam de ser chamados: malucos de estrada, malucos de BR.

Émile Benveniste – linguista sírio-francês que passou sua vida profissional em torno das questões do homem na língua, daquilo que compete ao linguista na problemática do humano – apresenta, ao longo de toda sua obra, um dispositivo método-epistemológico (FENOGLIO, 2019) para tratar das relações entre designação e significação das palavras e suas relações com as instituições sociais. Utilizado por Benveniste principalmente para reconstruir relações de línguas aparentadas e ligadas ao indo-europeu, entendo que esse dispositivo possa inspirar a reflexão que ora proponho a respeito dos malucos sobre o modo como se reconhecem e gostariam de ser chamados. Para este trabalho, portanto, a designação e o ato de designar deverão ser entendidos como nomear, indicar, caracterizar, qualificar; a significação e o ato de significar devem ser tomados com valor de ter sentido de, ter valor de, ser a expressão de, informar.

Para alguns estudiosos da linguagem, a designação não lhes interessa enquanto elemento constitutivo das análises dos fatos de língua. A ancoragem no mundo dos objetos, em princípio, não lhes diz respeito, portanto, excluem-se todos os elementos que possam estar diretamente relacionados à realidade concreta das pessoas. Ainda que muitos linguistas desde sempre andem às voltas com questionamentos sobre a relação entre a linguagem e a realidade, muitas vezes, o limite do real é o ser que fala: o sujeito, o falante, o homem na língua. Este não é o limite desta pesquisa: é somente pela tensão criada entre diferentes designações e significações para este grupo social que se pode pensar sua existência como grupo. Os malucos tentam fundar uma realidade discursiva nova para que se vejam reconhecidos na sociedade porque inscritos na língua. Ao evidenciar a necessidade de observar a língua com o seu real, não quero, de nenhuma maneira, dar a entender que a língua seja o reflexo da sociedade, mas, concordar com Benveniste, quando diz que “a língua contém a sociedade” (2006, p.97), o que é coisa muito diferente.

As sequências discursivas discutidas nesta seção estão voltadas, então, à questão de negociação de significados ligados a diferentes designações, ao reconhecimento/desidentificação ligado a cada um dos termos. Vamos às sequências.

SD8

Hippie, hippie, não, né. Porque a galera chama a gente de hippie, mas o conceito hippie pra mim é outro. Acho que os hippie nem trampo não fazia, né? Quando as pessoas comuns me perguntam o que que é, eu falo que a gente é artesão, maluco de estrada, viajante... mas o hippie mesmo, em si, não.[...] Eu me considero uma artesã, uma viajante em busca das culturas mesmo, dos povos, da arte diferente. (Documentário, 2015, 12’)¹⁶.

SD9

A galera que não conhece o movimento não sabe de onde vem o hippie, não sabe o que significa hippie, e não sabe quem é o maluco na verdade, que é o viajero, que, além do artesanato, além de tocar o violão, é o cara que viaja e se impregna de experiência. (Documentário, 2015, 15’)¹⁷.

Na SD8, há uma distinção entre o modo como o outro (a galera) vê o sujeito e como ele se vê. O distanciamento da designação hippie se dá, aqui, pelo fato de que, diferentemente dos hippies, os malucos de estrada trabalham (“acho que os hippie nem trampo não fazia”): esse é um elemento importante e definidor na construção da identidade dos malucos e vai aparecer em outras sequências. Uma das significações construídas para a designação hippie é, então, não trabalhar, o que, na lógica da produtividade, pode ser visto como algo pejorativo. O sujeito se sente identificado com a designação maluco de estrada, que pode, neste caso, ser colocada como semanticamente ligada a “artesão”, “viajante em busca das culturas da arte, do diferente”. Semelhante processo ocorre na SD9, em que o sujeito, apesar de não definir o que seja hippie, entende que a sociedade assim lhe chama porque não entende o que significa; se conhecesse o significado da palavra, não os chamaria desse modo. Nessa sequência discursiva, a designação “maluco” adquire novas significações, como “viajante, que toca violão”. Em comum entre as

¹⁶ Documentário Malucxs de Estrada II: a cultura de BR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E2xYfyEANMw&t=4858s>.

¹⁷ Documentário Malucxs de Estrada II: a cultura de BR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E2xYfyEANMw&t=4858s>.

duas SD, temos a significação de que o maluco de estrada a) produz artesanato, portanto trabalha, b) viaja e encontra novas culturas, vivências e experiências.

SD10

Nunca houve um estudo sobre os artesãos de rua ou malucos de estrada. Pesquisas, entrevistas, registros, nada. Por isso que até hoje as pessoas chamam a gente de hippie, criam uma imagem estereotipada e cheia de preconceito. Eles não viviam da arte na verdade. Eu posso dizer que eu vivo da arte em si. Eles não, eles não precisavam trabalhar. (Teaser, 2012, 1')¹⁸.

SD11

Eu queria ser hippie mesmo, nas horas vagas eu sou hippie, véio, fico curtindo numa boa. Mas no resto do tempo eu tenho meu trampo, vendo meu artesanato, não sou hippie. (Documentário, 2015, 18')¹⁹.

Nas SD10 e 11, há, novamente, a oposição entre ser hippie e maluco, atribuindo à designação “maluco” os significados relacionados a viver da arte, do artesanato, enfim, de trabalhar; para “hippie”, as significações estão ligadas a “imagem estereotipada e cheia de preconceito” e a alguém que “curte numa boa”. Na SD10, o sujeito atribui o desconhecimento sobre o que sejam os malucos de estrada ao fato de que nunca se tenha feito pesquisa, entrevista, registros sobre esse grupo, de modo que, na falta de melhor modo de referir-se aos *malucos*, os “caretas” utilizam a palavra “hippie”. Essa afirmação, além de buscar respostas para o fato de que o outro não veja o maluco como ele se vê, ao mesmo tempo, justifica a necessidade de produção do documentário que estava sendo divulgado no *teaser* da campanha de financiamento em que a SD é veiculada.

Sobre a vinculação da designação de maluco de estrada à significação de “alguém que trabalha”, uma possível resposta para isto talvez seja o modo como os órgãos de repressão do Estado lidaram e lidam com esses povos que viviam na rua. O conflito entre Estado e malucos de estrada sempre existiu, mas nem sempre foi o mesmo. Este movimento, em sua configuração inicial, no Brasil, quando ainda se denominavam hippies, caracterizava-se pelo deslocamento geográfico, pelo questionamento de valores hegemônicos e pela produção de uma contracultura muitas vezes expressa na forma de vestir, nos cabelos e barbas compridos, que por si só já eram

¹⁸ *Teaser* de divulgação para financiamento coletivo do documentário *Malucxs de estrada – a reconfiguração do movimento hippie no Brasil*. Disponível em: [youtube.com/watch?v=BkOgZ__F2HQ](https://www.youtube.com/watch?v=BkOgZ__F2HQ)

¹⁹ Documentário *Malucxs de Estrada II: a cultura de BR*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E2xYfyEANMw&t=4858s>.

um elemento de contestação naquela época. O hippie dos anos 70 não produzia artesanato; ficava na praça e nos espaços públicos aparentemente sem fazer nada que fosse considerado produtivo, do ponto de vista econômico: em uma lógica totalmente produtivista, em que o corpo é uma máquina que deve cumprir determinada função, o simples fato de *não fazer nada* é já uma afronta aos valores vigentes, uma forma de resistência. Ocorre que, no contexto da ditadura militar, os hippies estavam sujeitos ao Artigo 59²⁰, da Lei de Contravenções Penais, que se refere ao crime de vadiagem e prevê detenção de até três meses para aquele que não exerce uma profissão. Dessa forma, a produção de artesanato, naquele contexto, surgiu como uma alternativa para que fosse exercida uma profissão e para que se evitasse a detenção.

SD12

[respondendo a um companheiro que lhe disse para escrever “filosofia hippie” na faixa para o I Encontro das BR]: Eu não sou hippie, nunca fui hippie. Não sou filho de industrial americano. A gente tá desvirtuando o que foi decidido no conselho de anciãos ontem. Nós somos brasileiros, queremos ser patrimônio, não somos hippies, assim é como nos chamam, mas a gente trabalha. A gente não se diz ‘e aí, hippie, e aí, hippa, a gente se diz ‘e aí, maluco, e aí, maluca.’ (Diário de campo, 2015).



Figura 1 – SD13 Foto do painel produzido coletivamente para o 1 Encontro de Malucos de BR. Fonte: Coletivo Beleza da Margem (2015)²¹

²⁰ “**Art. 59.** Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita: Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses.” O artigo permanece em vigência em 2020.

²¹ Disponível em <https://cutt.ly/RdmKzaJ>.

As SD 12 e 13 estão intimamente ligadas, uma vez que provêm do mesmo evento: I Encontro de Malucos de BR, que aconteceu em agosto de 2015, em Brasília. Como parte das estratégias de reconhecimento como patrimônio cultural imaterial, os malucos decidiram reunir-se antes da audiência pública com o IPHAN, o Ministério da Cultura e a Secretaria de Direitos Humanos, para alinhar estratégias e discursos. No encontro com os representantes do sistema, os malucos pretendiam demonstrar, a partir de seus tramos e de suas histórias, os motivos pelos quais suas práticas merecem ter a salvaguarda do tombamento pelos órgãos do Estado. Durante esses dias, acamparam na feira da Torre, expuseram seus tramos em frente ao shopping Conjunto Nacional, realizaram cine-debates, conselhos de anciãos, compartilharam experiências, comidas, bebidas, danças, afetos.

Essa breve contextualização sobre as condições de produção das SD12 e 13 podem nos auxiliar a entender e assentar alguns sentidos nelas veiculados. A SD12 foi dita quando os malucos estavam produzindo o painel para a reunião com o IPHAN. Segundo um dos integrantes do grupo, se eles tivessem cartazes, a mídia não poderia mentir nas fotos. Há, em ambas as SD, a marcação do conflito entre as designações “hippie” e “maluco”. Na primeira, a tensão entre a relação entre designação e significação aparece quando um dos integrantes, ao responder um colega que queria incluir no painel o sintagma “cultura hippie”. Nessa SD, “hippie” tem valor de “filho de industrial americano” e não de “alguém que trabalha”. A negação da palavra hippie também se dá pelo fato de que o sujeito entende que não seja assim que eles chamam uns aos outros: hippie é o modo como os “de fora” lhes nomeiam, quem diz “hippie” não é maluco. Ainda, ser hippie, nesse discurso, parece não se enquadrar com o alinhamento do discurso de quem quer ser reconhecido como patrimônio imaterial, temos então que “hippie” está para “americano”, “maluco”, para “brasileiro”. O fato de reafirmarem a brasilidade, aqui, é importante, na medida em que esse grupo busca os órgãos estatais do Brasil para que seja reconhecido legalmente.

Na SD13, há a unificação das vozes dos malucos presentes no encontro em um painel, que sintetiza alguns dos seus objetivos com a reunião com o IPHAN, o MinC e a SDH: “ser reconhecido legalmente como arte e cultura de rua”, “somos patrimônio cultural”, “queremos respeito! O direito de ir e vir! Liberdade!”. Todas essas palavras de ordem, como “arte”, “cultura de rua”, “patrimônio”, “liberdade”, “respeito”, “direito de ir e vir” parecem, aqui,

incorporar-se aos sentidos de “malucos” – é um grupo com anseios, desejante. Outro elemento importante que integra a construção do painel da SD13 é o símbolo ligado aos ideais de paz e amor. Através dele, os sentidos do universo hippie são reativados, ainda que não haja o uso da palavra.

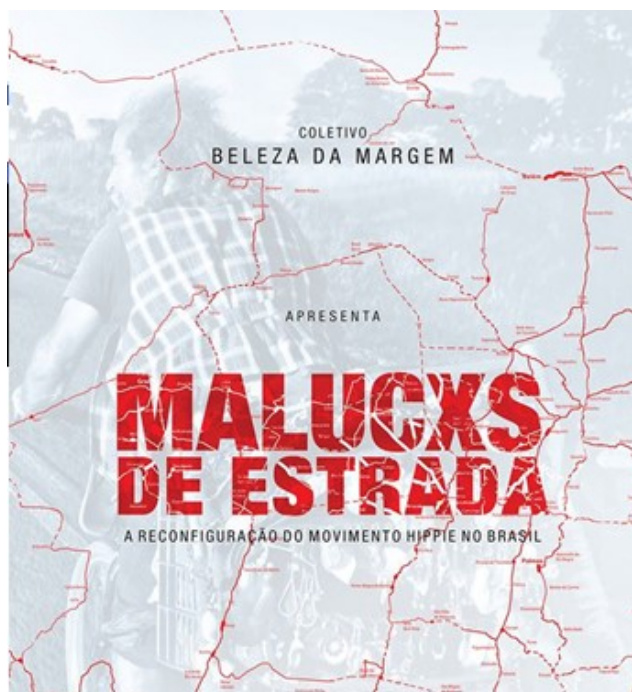


Figura 2 – SD14 Cartaz do projeto Malucxs de Estrada II – a reconfiguração do movimento hippie no Brasil.
Fonte: Coletivo Beleza da Margem (2015)²²

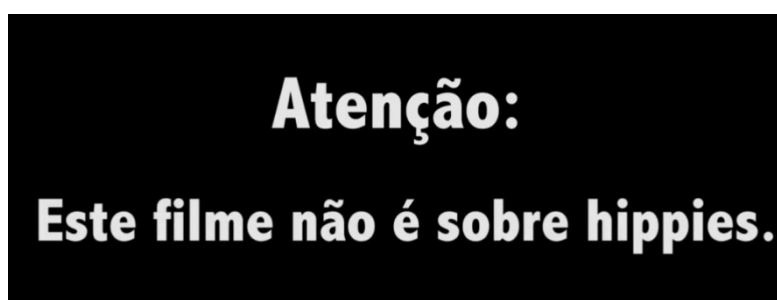


Figura 3 – SD15 Fotograma da *live* A beleza da margem – Malucxs de Estrada I – o hippie mestiço²³. Fonte: Coletivo Beleza da Margem (2015)²⁴

²² Disponível em <https://cutt.ly/GdmKB9T>.

²³ Essa *live* reproduziu um trecho do que seria o documentário I sobre os malucos de estrada, cujo lançamento está suspenso.

²⁴ Disponível em [facebook.com/watch/live/?v=3101071086785789](https://www.facebook.com/watch/live/?v=3101071086785789).

As duas últimas SD dão, de certo modo, um encaminhamento diferente à relação entre as designações “hippie” e “maluco de estrada”: no lugar da negação de um pelo outro, temos a incorporação, a assimilação de um ao outro. Na SD14, podemos ver, entre imagem e palavra, a síntese do movimento dos malucos de estrada: na primeira camada do cartaz, é possível ver a silhueta de um homem montado em uma bicicleta, com seus tramos (brincos, pulseiras etc.) no pano, em uma estrada indeterminada. Na segunda camada, há a sobreposição de um mapa com rotas traçadas; na última camada, temos o título do documentário “Malucxs²⁵ de Estrada II – a reconfiguração do movimento hippie no Brasil” e o nome do coletivo que o produz. Eis os principais elementos em torno do debate entre designações em disputa: malucos, hippies, estrada, artesanato, trabalho. Sobre a oscilação entre “hippie” e “maluco”, há, ao mesmo tempo, um movimento de afastamento e aproximação entre as duas designações: trata-se de um documentário sobre os malucos de estrada, que não são hippies, mas uma reconfiguração desse movimento.

Na SD15, o título do documentário e o aviso inicial podem parecer, inicialmente, estar em contradição, uma vez que há, no título, a utilização da palavra “hippie” e, no aviso inicial, a informação de que “este filme não é sobre hippies”. Há, neste caso, uma negociação sobre os sentidos de “hippie”: no documentário, não se falará de todo e qualquer hippie, mas de um tipo específico, o “hippie mestiço”, que teve influências do movimento americano, mas que, devido à realidade própria ao Brasil, configurou-se de outro modo por aqui.

Em ambas as SD, está em jogo a relação entre identidade e diferença das designações e das significações das palavras; por conseguinte, está em jogo a relação de identidade e filiação desse grupo social. No lugar da negação da identidade hippie, há, nos dois casos, a assunção da presença e da influência, demonstrando que ser maluco não é o mesmo que ser hippie, ainda que o surgimento dos hippies seja a condição para a existência dos malucos; as duas últimas SD seriam o análogo ao conceito hegeliano de *aufhebung*, em que se conservam, de algum modo, as partes do elemento anterior, sem que o elemento atual seja o mesmo de antes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

²⁵ Embora o debate sobre as marcações de gênero na língua seja, mais que pertinente, urgente, entendo que, devido à sua complexidade e importância, necessite de mais espaço para discussão, de modo que o elemento da marcação com “x” e as possibilidades de marcação de gênero por uma língua mais inclusiva não serão abordados neste trabalho.

Los nadies,
Que no hacen arte, sino artesanía
Que no practican cultura, sino folklore
Que no son seres humanos, sino recursos humanos
Que no tienen nombre, sino número
Que no figuran en la historia universal, sino en la
crónica roja de la prensa local
Los nadies, que cuestan menos que la bala que los mata.
Eduardo Galeano

Ao longo deste artigo, procurei demonstrar pontos em que a dispersão de sujeitos e sentidos parece se encontrar no grupo dos malucos de estrada. Os elementos de unificação que decidi destacar foram os relativos ao corpo, metonimizadas pela estrada, e à língua, representados pela oscilação entre as palavras “hippie” e “malucos de estrada”.

Alinhada ao ponto de vista de Moita Lopes, que entende o papel da linguística como uma “possibilidade política de que a pesquisa contemple outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários.” (MOITA LOPES, 2006, p. 99), tentei dar luz a algumas vozes dos malucos para que falassem como se veem em relação a si e ao outro. A partir dessas vozes, recortadas em SD de materialidades diversas, apontei leituras possíveis para os elementos por eles mencionados: do potencial de transformação da estrada, seus perigos e prazeres, a estrada ligada ao exercício de liberdade dos corpos e dos seres, a busca por uma desassociação dos sentidos atrelados ao termo “hippie”, a criação de novas discursividades para si mesmo, com a designação “maluco de estrada”, que, para o grupo, parece dar conta mais adequadamente do nomadismo, da mestiçagem e da contracultura *à brasileira* desse movimento.

As principais dificuldades dos malucos estão ligadas ao conflito entre Estado e os povos marginalizados. Como reação à repressão da polícia, que, sem motivos concretos (mas simbólicos), tenta retirá-los das cidades com a justificativa de que não se pode comercializar em praça pública sem concessão de alvará, surgiu a necessidade de ter seu trampo, sua arte reconhecida como patrimônio da cultura brasileira, e se viu nos órgãos como IPHAN, MinC e SDH uma possibilidade de diálogo e solução. Queriam o reconhecimento do ser/fazer pelo dizer. O grupo, entretanto, não consegue estabelecer um diálogo real com tais órgãos, pois há uma flagrante dificuldade (?) institucional de lidar com manifestações periféricas: na ausência de vontade/capacidade de entender o diferente e a diferença, opta por eliminá-los, concreta e

simbolicamente: com a violência policial nas ruas, com a violência institucional, exigindo que se cadastrem, que procurem os Centros de Referência em Assistência Social nos municípios por onde passam.

Porque adotam um modo de vida diferente daquele preconizado pelo *status quo*, são considerados à margem da sociedade, com uma cultura, menos que menosprezada, ignorada. Cabe retomar que, até para que um grupo seja menosprezado, é preciso que ele ao menos seja reconhecido como grupo, o que não é o caso dos malucos. O que se pode ver, com os malucos, são movimentos de resistência enquanto corpo: resistência à padronização de corpos e pensamentos, resistência aos percalços e às consequências de adotar um modo de vida ligado ao nomadismo, resistência à institucionalização por meio de cadastros e carteirinhas de artesão, resistência à lógica produtivista que reifica os sujeitos e os obriga a ser um arremedo de máquina. Há, também, movimentos de resistência às e pelas palavras: resistência às palavras quando rejeita a designação que lhe é imposta, pois não se reconhece como hippie, ainda que entenda suas influências; resistência pelas palavras ao ter um falar que lhe é próprio para falar de seu trabalho e de sua vida, também ao fundar um novo jeito de dizer de si: não somos hippies, somos malucos de estrada

Ao mesmo tempo em que procuram estar à margem do sistema que lhes oprime, rouba a arte e violenta a existência, é a esses mesmos aparelhos de Estado que recorrem para ser reconhecidos como patrimônio, para que tenham existência e sobrevivência garantidas. Parece que há duas forças concomitantes nesse gesto: de um lado, a negação do Estado a partir de seus modos de vida, de outro, o reconhecimento desse mesmo Estado ao querer se valer de seus instrumentos para que sejam garantidos seus direitos. É importante reiterar que não há, de nenhum modo, uma contradição entre os malucos nesses movimentos aparentemente opostos: antes de que se possa pensar em contradição, há que se perceber que o que requer esse grupo é o direito à visibilidade, à existência, à cidadania, à dignidade desde sempre negada, que são fundamentais para a manutenção de seus modos de vida. O que o grupo quer é deixar de ser menos que nada, querem poder exercer a autonomia de sua própria existência em plenitude, sem a mão do Estado lhe negando direitos e apontando armas.

REFERÊNCIAS

BELEZA DA MARGEM. Malucos de Estrada II: Cultura de BR. 25 ago 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=E2xYfyEANMw&t=4858s>>. Acesso em 30 jul 2020.

_____. **Malucxs de estrada – a reconfiguração do movimento hippie no Brasil.**

Campanha de

financiamento colaborativo. 16 dez 2012. Disponível em:

<youtube.com/watch?v=BkOgZ__F2HQ>. Acesso em 30 jul 2020.

_____. **A beleza da Margem, à margem da beleza.** Live na página do Facebook do coletivo. 02 ago 2020. Disponível em < <https://cutt.ly/GdmKB9T>>. Acesso em 02 ago 2020.

BRASIL. **Decreto-lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941.** Lei das contravenções penais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del3688.htm>. Acesso em 28/07/2020.

BENVENISTE, E.. **O vocabulário das instituições indoeuropeias** – economia, parentesco, sociedade. Campinas, Sp : Editora da UNICAMP, 1995.

_____. **O vocabulário das instituições indoeuropeias** – poder, direito, religião. Campinas, Sp: Editora da UNICAMP, 1995.

GROS, F. **Marcher, une philosophie.** Paris : Flammarion, 2011.

GRUZINSKI, S. **O pensamento mestiço.** São Paulo: Cia das Letras, 2001.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do Desejo.** Petrópolis: Vozes, 2010.

LE BRETON, D. **Éloge de la marche.** Paris: Éditions Métailié, 2000.

_____. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções.** Trad. Alberto Salton Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Marcher: éloge des chemins et de la lenteur.** Paris: Éditions Métailié, 2012.

MOITA LOPES, L.P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In.: _____ (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.85-108.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental** – transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

STRAPPAZON, A. L. **Malucos de estrada: experiência nômade e produção de modos de vida.** (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2017.